

A proposta

Herasmo Braga

Proposta aceita. Após anos de rotatividade, teriam a partir de agora uma imparidade fixa. Em raros momentos acontecia a repetição. Não gostavam. Consideravam arriscado. E isso era extremamente desnecessário. Ninguém em tempo algum poderia suspeitar, muito menos descobrir. Nada de fotos ou qualquer outro registro. As lembranças dessas curtas noites tinham prazo para serem esquecidas. Tudo isso era para continuarem juntos e suportar o vazio do viver do cotidiano sob a luz intensa do sol.

– Não vejo problema para mim, já que você garante a manutenção das nossas vontades e dos nossos silêncios.

– Apesar do pouco tempo, eu a conheço bem. Sei que você irá gostar.

– A que horas você marcou?

– Às 18h30.

– Onde a pegaremos?

– No momento, ela reveza com a mãe os cuidados com a avó no hospital. É lá que a pegaremos.

Ele conhecia as duas. Ela, não. As duas tinham muita coisa em comum como a cor da pele, o recheado par de pernas, os rostos esbeltos. Pessoas dedicadas, estudiosas e que confiavam nele. A pouca diferença que sobressaía era o fato de a primeira ser mais tranquila que a segunda, e também de a mais tranquila ser mais ansiosa do que a inquieta. Fora isso, quase mais nada as diferenciava.

– Onde você está?

– Bem em frente ao hospital.

– Eu já estou em frente e não a vejo.

– Espera aí que eu vou caminhando até onde você... Já vi o carro.

A ansiedade dos três crescia. Era um momento inédito. Com a diferença de que, como ele já as conhecia, não haveria surpresas negativas. E, por essa razão, estava mais sereno do que das outras vezes em que convidava alguém sem saber como ela era. Nesses momentos em que antecediam os encontros dos corpos e das mentes, preferia não imaginar para não se frustrar. E lá apareciam altas, baixas, louras, morenas, comunicativas, silenciosas, inteligentes, burras, feias, bonitas, em forma, magras.

Houve ocasiões em que tiveram de dispensar a pessoa no instante em que a viram. Afirmaram não serem eles à espera dela. Desconcertada, a coitada saiu, pois sabia que a sua aparência não muito agradável fora o motivo da dispensa. Certa vez, uma garota desprovida de beleza ficou na berlinda do *boa-noite-obrigado*, mas, como já era tarde e, para não perderem o esperado acontecimento, deixaram-na ficar e ela os surpreendeu. Esta foi uma das melhores vezes. Bem dinâmica, ativa. A baixinha e meio feinha levou os dois a um patamar de total satisfação.

– Você sabe que eu só faço isso por você. Não gosto disso.

– Eu sei, meu amor. Não tenho dúvida alguma em relação a isso. Mas, diga-me uma coisa, por curiosidade: você não pensa do trio ter dois polos ativos?

– De maneira alguma!

– Seja sincera! Você não diz isso só para me agradar, não é?

– Se só com você eu quase não dou conta, imagine com dois!

– Confesso que fico muito feliz com isso.

– Diante do seu pensamento machista... Tudo só para você!

– Você sabe que eu sou apenas sincero no que vivo.

– Amor, mais uma vez, em algum momento essa ideia já passou pela sua cabeça?

– Claro que não. Você sabe que eu compartilho isso com você só para agradá-lo. Por mim, ficaríamos só nós dois mesmo. E muito menos fazer algo diferente. Isso não me apetece.

– E aí, Bruna! Essa é Paula. Paula, essa é Bruna.

– Ouço falar muito de você e do seu imenso talento para a música.

– Obrigada, mas é exagero dele. Para mim, é só mais uma atividade prazerosa de estudos. Você tem tudo para ser uma grande exegese na arte cinematográfica. Ele diz que você o perturba bastante com empréstimo de livros, filmes, dúvidas e textos.

– É que sou apaixonada pelo conhecimento dele, pela literatura, pelas teorias, pelas palestras, por tudo o que envolve o mundo interpretativo e criativo das artes, em especial, das que são feitas com palavras e imagens.

– É contagiante esse seu entusiasmo!

– Está muito frio aqui. Vamos para aquele barzinho perto do museu de arte contemporânea.

– Vamos, então.

Apesar do pouco tempo de contato temporal entre as duas, elas pareciam se conhecer há um bom tempo. Paula, uma mulher madura, inteligente, de habilidade singular com o violino. Bruna, uma jovem aprendiz no caminho das artes. Leitora e devoradora dos grandes livros da literatura ocidental e dos grandes clássicos da sétima arte. Tudo o que fosse considerado como obra genial e influenciadora de gerações e das grandes produções ela lia, relia. Já nos caminhos teóricos, ela se deixava levar pelas convicções de Pedro. Homem tido por ela como modelo de inteligência e de *modus operandi* de viver.

No bar perto do museu de arte contemporânea, a conversa fluía. Em vários momentos, parecia que acontecia uma mesa redonda dos grandes

congressos de arte, música, cinema, vida. Empolgados e envolvidos, todos pareciam se conhecer bem e de muito tempo. Paula e Bruna não trocaram olhares ou dúvidas uma com a outra. Em alguns momentos, Pedro ficava a contemplá-las, mas sem imaginar o que viria ser o depois. Não se importava muito naquele momento. Devido a sua maturidade e a sua paixão pelo conhecimento, deixava-se envolver pela conversa animada.

Após cinco rodadas de vinho, a conversa fora interrompida por Pedro que, de maneira súbita, disse:

– Vamos?

Sem maiores contestações ou pedidos de daqui a pouco, a conta fora paga e eles se dirigiram para o apartamento do casal. Abriram mais uma garrafa de vinho. Paula encarregou-se de apresentar o apartamento para Bruna. Levou-a à biblioteca. Esta se encantou com o que vira.

– Confesso que já imaginei diversas vezes como ela seria, mas nem nos meus mais inspiradores momentos cheguei perto da diversidade e da qualidade do que se tem aqui.

– É verdade. Tudo isso é maravilhoso! É o suporte que precisamos para viver.

– Quanta diversidade, quanta seletividade, quanto material! Estou mais certa ainda do quanto preciso aprender com vocês.

– Não se preocupe, você terá muito tempo para isso.

– Agora, gostaria de ouvir você tocando só para mim.

– Está meio tarde. Temo perturbar os vizinhos.

– Não se preocupe... Toque só um pouco. Quero ouvir você só para mim.

– Tudo bem, então.

Paula pega o violino e põe-se a tocar. Bruna deixa-se levar pela melodia e se sente mais leve com a música que entra pelos seus ouvidos.

Pedro aproveita o momento entre as duas para descer e comprar mais duas garrafas de vinho.

Música encerrada, Bruna pousa o violino e percebe o computador ligado.

– Posso desligar? Confesso que me incomoda um pouco o desperdício de energia.

– Melhor não. Pedro sempre o deixa ligado quando está escrevendo e, como ele deve estar finalizando o novo livro, é bom deixar assim mesmo.

– Posso ver o que ele anda escrevendo?

– Por mim, tudo bem.

Bruna maravilha-se com a escrita do livro. Trata-se de um romance. Minimizados estavam um ensaio de crítica literária e outro sobre cinema. E ainda uma crônica incompleta para mandar para o jornal no dia seguinte.

– Ele escreve assim mesmo? Vários textos ao mesmo tempo?

– Sim, desde sempre. Ele não consegue se dedicar exclusivamente só a uma coisa. Por exemplo, quando ele começou a estudar língua estrangeira, ele fez de duas em duas. Começou com inglês e francês, depois, italiano e espanhol e, agora, alemão e sueco. Como você acha que ele consegue publicar dois e até três livros por ano? É por conta desse ritmo.

Bruna admirava-se cada vez mais com tudo. Agora ela teria as pessoas certas para compartilhar a sua vida. Imaginava como ela seria após alguns anos de convivência. Nesse momento de euforia e felicidade, ela se aproxima de Paula, olha em seus olhos e beija-a. As duas começam a troca de carinhos, que vão aumentando com o ritmo da respiração e das batidas dos corações. Pouco a pouco vão se despindo. Bruna, mais prática, ergue os braços e retira o vestido branco de uma vez. Fica só de calcinha branca diante de Paula. Depois, com habilidade e envolvimento, vai despindo Paula, que também fica apenas de calcinha, só que preta, diante de Bruna. As duas trocam carícias ali

mesmo na biblioteca. Aproveitam o conforto do sofá para estender os seus corpos ao prazer. Em meio aos afagos, chega Pedro não com duas, mas três garrafas de vinho. Coloca-as sobre a mesa da cozinha. Retira a camisa e fica observando as duas mulheres naquele momento da sua vida unidas ao prazer. Carícias mais intensas e olhares com mais brilho. Ele se insere em meio às duas e forma o triângulo perfeito.

A noite fora mais do que perfeita para os três. Já pela manhã, os três corpos se encontram e se complementam mais uma vez. Depois do banho, ainda sob o efeito de toques e carícias, entre risos e olhares, cobrem-se. Tomam café juntos e se despedem. Depois daqueles momentos, mesmo sem terem conversado e concordado, tacitamente, resolveram nunca mais se ver. Não por medo ou receio, mas movidos pelas lembranças intensas e marcantes. Não desejavam que nada mais conspurcasse a noite mais perfeita das suas vidas.

Bruna transferiu seu curso para outra universidade. Ela conseguiu uma bolsa de estudos nos Estados Unidos. Paula e Pedro continuam juntos, bem casados e intelectualmente mais fortes e ativos do que antes. Voltaram à imparidade móvel e, mesmo que um não diga para o outro, lembram-se com carinho de Bruna, mas não pensam em revê-la para que aquela noite continue sendo a melhor das suas vidas.